



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Comp., rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 21 DE MARÇO DE 1852.

RIO DE JANEIRO A' S. PAULO.

Ao cahir da tarde de 6 de Fevereiro estayamos abordo do vapor *Fluminense*. A tarde que havia começado bella e fresca, como são as tardes quasi sempre no Rio de Janeiro, foi-se em breve tornando tempestuosa. O céu nublado, o vento rijo do sul, e o echo surdo do trovão erão indícios proximos da tormenta. Logo a entrada da noite cahio a chuva em mangas: os relâmpagos se repetião, e a trovoada rugia fortemente; e o mar batia encapellado no costado do navio.

Depois, tudo silencio: só de vez em quando o ranger das correntes do leme, o quebrar-se da vaga, e de hora em hora o grito solitario das sentinellas da cidade.

Amanheceo. Era um espectaculo lindissimo, uma aurora no mar! A cidade, que ha pouco recortada, cobria-se com um manto negro todo salpicado de pontos de fogo, erguia-se das agoas, mostrando suas centenares de torres, seos palacios, seos conventos nas alturas, o sol doirando o costado de milhares de navios que ancorão no nosso porto, reflectia-se todo nas aguas da bahia, e ia quebrar-seos raios nas encostas dos montes e das serras que cercão a cidade. D'entro em pouco tudo era agitação, tudo era vida, o ruido da cidade que despertava; as cantigas dos marinheiros que subião pelas

vergas, ou que levantavão as ancoras: o espraiair-se da vaga quebrada pelos remos de um sem numero de canoas e botes embandeirados, que dos navios buscavão as praias; o cahir monoton das varas do barqueiro, e a toada entusiastica dos marinheiros de uma lancha: tudo, tudo dava uma diversidade de scenas, um movimento, fazia nascer tantas sensações, que só poderá apreciar quem tiver ouvido no mar o tiro de peça do despontar de uma aurora no Rio.

A's 8 horas deo o commandante o signal de partida. O vapor cortava sereno as aguas do Guanabara, e nós quasi que adormeciamos na contemplação da cidade, nos substanciava tantas saudades, quando um som metalico nos desviou desse delirio. Era a sentinella de Santa Cruz que nos gritava — *boa viagem!* Agradecemos a esse homem que era nosso amigo, e que nos dezejava boa viagem. Seguimol-o com os olhos, como que por ultimo adeos. Lá estava elle; lá o deixamos, sempre immovel, sempre impassivel, como um baluarte da fortaleza.

De subito gigante magestoso se offerece aos nossos olhos; o Pão d'Assucar, com a sua figura medonha, seo corpo despido e calcinado pelo raio, e seo grande corte da parte do mar. Dir se ia que esse vulto immenso como que debruçado sobre o oceano, era o leito de granito que guardava a rainha da America do Sul.

Depois tudo foi um quadro aprazivel. A pouca distancia de terra, a ilha do Toucinho, quasi inculta, mas cercada de coqueiros, e com uma bella vegetação. Ao longe avistamos como que uma garça pouzada em cima de uma pedra. Era a igrejinha da Copa-Cabana, que edificada talvez sobre rochedos apresenta ao navegante sua forma elegante, com seo zimbório alvissimo. Muito de longe ainda a avistamos como um ponto branco a destacar-se do azulado das montanhas.

A pouca distancia da Copa-Cabana, fica a praia da Tijuea, defronte das ilhas do mesmo nome. E' uma praia lindissima. O Atlantico forma ahi uma enseada de leguas, e debruça-se todo em um lençol de arêa finissima: de longe, aos raios do sol, parece uma grinalda de prata que coroa o mar.

Lá vimos a Marambaia, essa praia immensa, ainda maior que a da Tijuca, tambem com seo lençol de arêa quasi a perder de vista. Mas não pude ahi conter um sentimento de dôr. Por mais de uma vez essa costa tinha dado abrigo a esse commercio illicito, a essa mancha do nosso povo; commercio de sangue, pretexto de perseguições estrangeiras. Por mais de uma vez essa praia tinha recebido enxames de um povo desmoralizado, que nos tem vindo corromper a lingua e os costumes, que nos tem atrazado a agricultura, e plantado a mizeria no seio de uma terra que poderia ser tão rica. E ainda por mais de uma vez, pobres homens, a quem matarão todas as affeições, exilados de sua terra, arrancados a seos paes, forão obrigados a soltarem as suas magoas em outros campos que nao erão os seos areas, debaixo de outro céu que não o da sua terra, de braços ligados, com uma condemnação eterna como se fossem malfadados, que expa-

triados de uma vez, nem ao menos achassem uma nova terra de permissão !

Alongando a vista percebemos, fechando o horisonte, a grande serra da Mangaratiba, parte dessa extensa cordilheira que circula quasi toda a costa das provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo.

As 5 horas estavamos defronte da Ilha Grande. Bem adquado nome ! E' uma soberba ilha, com immenso terreno, de uma altura extraordinaria, com seos pinaros coroados de nuvens, que em alguns lugares se debruçavão pelas encostas, e ião roncando para perto do mar. A ilha tem muitas sinuosidades, e uma bellissima, formada pela foz de dous rios, que descem das montanhas por grotas, e desagüão em frente um do outro. E' quazi toda cercada de rochedos, onde o mar se quebra com furia ; e o que é de ver é que em quazi todos os lugares a pedra é talhada com tanta regularidade que parece obra de arte. Tem a um lado, para a parte do mar, uma linda enseada. Ahi o terreno é baixo, é uma especie de varzea ou garganta, que une as duas partes montanhosas da ilha. Do lado opposto fica a cidade de Angra, na sua bella e conhecida bahia.

A' luz do crepusculo percebiamos ainda bem distincta a ponta do Cairuçú, que se avançava para o mar, como uma atalaia destas costas. Passamos por ella ás 9 horas : a noite estava escurissima, vimol-a ao clarão de um relampago.

Era alta noite. A lua brilhava com todo o seu esplendor, quasi a prumo sobre as nossas cabeças. De um lado se estendia uma cordilheira de serras, de cor enfumaçada, com seos pinaros alumiados pela luz do céo : de outro lado o mar todo prateado pelos raios de myriadas de estrellas ; o mar, que lá se ia a perder nos horizontes doirados, a encontrar-se com a immensa abóbada celeste, toda azulada como o manto da Virgem. De um lado a terra, o comensuravel, do outro — o infinito.

Estamcs na altura de Ubatuba. O navio cortava as ondas sereno, deixando sempre atraz de si uma esteira de prata, toda semeada de mil fogos rutilos. Era a virgem da noite, que lá ia arrastando o seo manto de perolas.


Scismeí ao ver terras de S. Paulo. E' quazi a provincia classica do Brasil. Foi ahi que se estabeleceo a primeira capitania : ahi fundarão os Padres de Jezus o seo primeiro estabelecimento : ahi ouvia-se com toda a sua gloria a palavra de Nobrega e de Anchieta : d'ahi ergueo-se essa raça de valentes, ainda mais que esses filhos do Egypto, de quem herdarão o nome : ahi nasceo Bueno, finalmente foi ahi que reboou o brado da Independencia. E' talvez esse no Brasil o paiz de mais tradições ; não ha talvez caipira ou sertanejo que não saiba uma lenda da sua terra, ou um conto phantastico, desses muitos que formão a verdadeira poesia do povo, o maravilhoso da historia. — *D. d'Azevedo.*

(Continúa.)

PIPAROTE DE GEITO.

Ao vendelhão enriquecido por um cazamento africano, sultão das tres sultanas jacarandá e canella, Formado em Má Lingua pela Universidade da Grosseria, Bacharel em Porcaria, pela Eschola da Immundicie, Barão Gebas, Commendador Ceboso &c., aconselhamos, que deixe d'amolar a lingua nas vidas alheias, sobretudo que deixe de limpá-la nas fraldas d'aquella pessoa, que bem sabe, e que tão altamente o despreza; a menos que não dezeje ver cantada em prosa e em verso a sua vida gloriosa e honesta..... não vá julgar que é mangação! Vmce. bem sabe de que glorias fallamos, de que honestidades nos recordamos! Glorias africanas, honestidades de Sultão.

Porem como reconhecemos, que é muitas vezes molestia a manha de fallar da vida alheia; e sobretudo como lhe réconhecemos um engenho e talento para mal dizer, só igual ao talento e engenho de seo filho — Ferro d'engomar — capacidade transcendente na asnice, arrematante geral de todos os RR.; offerecemos-lhe os seguintes themas para as suas palestras.

Um pai baptizando seo filho, como seo proprio escravo.  GLORIA!

Um pai fallando ao vigario para mudar o assento do baptismo de seo filho.  HONESTIDADE!

Um procurador da Ordem prevalecendo-so de sua posição para se duzir uma mulher cazada.  HONESTIDADE!

Por emquanto são tres os themas, o resto irá depois, que temos panno para mangas e mangonas. Offerecemos-lhe para entreter-se a seguinte cantiga:

Chegou lá de Portugal
Um cebozo ratazana.
Tiro lé lé lé
Ratazana Gebas é.

E se pôz a vender canna
Na, na, na Pedra do Sul
Tiro lé lé lé
O ceboso Gebas è.

Tomou logo freguezia
Com larapio quitandeiro:
Tiro lé lé lé
O cebozo porco é.

Mas nem assim o dinheira
Lhe farta a alma vil.
Tiro lé lé lé
O toucinho porco é.

CAZO MISTERIOSO.

Na noite de sabbado 13 do corrente, certo acontecimento chamou a attenção de alguns moços, que se divertião a conversar e chalar na saleta dos fundos de uma casa de sobrado da rua do Hospício onde morão.

A primeira couza que observou um que chegara à janella, foi uma mulher debruçada de sua janella para baixo em diversos movimentos com os braços e todo o corpo, mas não se podia distinguir bem o que fazia. A noite não era muito clara, porem algum tanto se percebia porque uma enfraquecida claridade do interior deixava conhecer bem as formas de uma mulher branca trajando decentemente.

Erão onze horas da noite, e isto, supponho, que se deo por ali algures nos fundos de algum sobrado da rua d'Al.... entre a da Valla e Ourives, que communicação com a casa onde residem os rapazes. Aquelle chamou logo os outros, e ficarão em contemplação. Oh! que scena! Com o socorro da magica varinha descobrirão o *embondo*. Um dizia que a mulher estava pescando em aguas turvas, o outro que ella estava estendendo roupa; outro que ella apanhava o seu gatinho predilecto, talvez aprouve tando o ensejo de ter a familia ido ao baile da Sylphide. Estavão nesta contenda quando virão surgir de baixo um formidavel *marmenjo*, que trepava por uma escada de corda. A sujeitinha que mostrou habilidade e uso segurou a tal *lagarticha homem* pelo colarinho da camisa, e elle foi pulando para dentro.

O primeiro entroito foi um abraço apertado e terno, e logo um osculo dado com tanto gosto, que foi o som fazer um murmurio tentador aos ouvidos dos rapazes. Um tomando uma vella aceza, e um l'nço, poz-se a fazer signaes e dizer: bonito! bonito! Como aquella sujeita observa as recommendações e preceitos paternaes.

Entretanto em seos colloquios nada percebião os amanteticos....

Como se explicará isto? Quem seria o sujeito ou a sujeita? Não havia bastante claridade para que se podesse conhece-los pelas *chocolateiras*. Sem duvida estarião as mais pessoas da casa se divertindo no baile bem tranquillias em quanto que em casa se ensaijavão a bailar em amorosas quadrilhas, que é sempre o resultado destes passatempos? que o diga a *Roda*....

E' sempre funesto o excesso com que dirigem sua casa muitos chefes de familia, porque, ou entregão-se a um abandono e deleixo inqualificaveis, ou caprichão em um rigor insuportavel. Não estudão nem avaliao bem as tendencias naturaes ou disposições da educação, em cada uma das pessoas que estão sob sua guarda. E o resultado? diga-o a prostituição de que está bem peijada esta cidade.

Os rapazes quazi todos quatro estavão se lembrando também das suas Dulcineas; mas coitados não tinham escadas de corda... — X. S.

Illm. Sr. Redactor. — Como V. S. convidou a quem quizesse glosar o seo motte, e prometteo dar um premio a quem descobrisse a melgueira, eu me atrevo a fazer isso, não com vistas no premio, por que elle não é lá essas cozas, mas para ter o gostinho de apparecer tambem como vate. Lá vai.

MOTTE.

*Um premio foi promettido;
Mas alguém ficou logrado,
Na questão que ventilou-se
“ Entre o solteiro e o cazado.”*

CLOSA.

*Se não me illude a mente
Tenho lembrança de ler,
Mas passava a aborrecer,
Certo motte impertinente.
Tornou-se questão vertente
Onde muitos se espicharão,
E outros tambem brilharão.
Até eu meos versos fiz,
Porque por um tal Diniz
Um premio foi promettido.*

*Porem não sei o motivo,
Que tanto tempo durou,
E ainda não acabou
Um combate tão activo,
Eu com esta ora revivo,
As lembranças do passado,
E sem querer ser taxado
De quem tem juizo vago,
Digo q. e elle comeo. — bago —
Mas alguém ficou logrado.*

*Muita gente inda agora
Espera por taes sapatos,
Mas são muitos carrapatos,
E o doutor poz-se de fora.
Ainda não chega a hora,
Pois o premio eclypsou se,
Aos tolos bem embaçou-se
Vates todos se mecherão
As Muzas todas arderão
Na questão que ventilou-se.*

E a final c'o quitutinho
O Doutor embarrigou-se,
A sua folha peijou-se,
E deo a luz um ratinho,
O qual terá por padrinho
No dia do baptizado,
O que nunca foi mamado,
Mas que vai sempre chuchando.
Offerecido, chorando,

“ Entre o solteiro e o casado ”

Silva Junior

OUTRA.

• Sr. Redactor do *Magico*, queira desculpar-me, mas eu não pude resistir; tome esta, porque se houver tempo lhe irá mais outra.

Senhor MAGICO, ora viva
V Mce. tambem sahio-se,
Dos outros outr'ora rio-se
Agora vem co' a *melgueira*
Tambem isso é chuchadeira?
Si se vê quasi cahido
O remedio é bem cabido,
Mas se a *gaita* é logração
Dar-lhe-hei um pescoção :
Um premio foi promettido.

Me diga se ainda dura
Já que alguém lhe augurou mal
Praga com toda a frescura
“ Que não chegava ao natal? ”
No seo monte triumphal
Já lá vão os quatro mezes,
E o tal que entende os freguezes,
Que tem materia p'ra annos,
Está remendando os pannos,
Mas alguém ficou logrado.

Vá de premio a cacholeta,
Ao tal poeta babão,
Mal lhe cheira a funcção,
Toca a barriga trombeta
Ensarilha a carrapeta,
E versos lá vão pelos ares
De babuzeira milhares
E por lel-as enjoou-se
Certo amigo rabecudo
Na questão que ventilou-se.

Ora perdoe, meu amigo
Tudo parece vai torto,
Eu mesmo perco o conforto
Que tive ao fallar contigo.
Tive até dores de umbigo
Por me lembrar do — *babado*
Doutor que não é formado,
Mas que tem tanta loquella
Que monta sem brida ou sella
“ *Entre o solteiro e o casado.* ”

Ribeiro.

MISCELLANEA

— Ha um pobre diabo que pede encarecidamente a alguma alma compassiva que lhe sirva de empenho para com a roda da loteria a fim de ver se elle terá *a sorte grande*, porque o pobre coitado já não sabe o que hade fazer, e como hoje para tudo se conseguir facilmente se faz com *empenho* por isso espera que alguém lhe envie uma cartinha dando boas informações de sua pessoa — Elle se chama — Mamado. —

— A nossa innocencia nos leva a perguntar se a agoa estagnada nos registros do encanamento pode ou não ser prejudicial à saude? Um dos dias passados indo um guarda destampar um dos taes que tem eada uma bica e com um caneco de folha fazia despejar a agoa.... Oh! era um *fedor* acima de toda a porcaria! E porque não se faz isso mais a miudo? Assim mesmo, cuida-se bem em lustrar o metal da torneira, este cuidado è muito proveitoso à saude.

— Hontem estavam dois sujeitos a conversar sobre fardamentos Um dizia que todos os homens de policia devião ter seus uniformes bem distinctos dos outros, porque uns parecem officiaes de Marinha, outros *Caçadores*, e alguns que andão de jiqueta e porrete não sei o que me parecem. Outro dizia — “ Isto è melhor, porque ao contrario não podia ella descobrir certas coizinhas. Tambem concordo; pois mande uma emenda lhe respondeo o outro.

— Tendo-se experimentado diversos sistemas de calçamentos para as ruas da cidade descobrio se a *final a dos quadradinhos*, descoberta esta, que deo bastante que fazer ao seo author, que è capaz de emprehender e levar a effeito tudo quanto estiver a seo *alcance*. Quem quizer ver uma amostra deste calçamento dirija-se á rua do Hospicio no *consultorio* das ventosas.

— Asignificação das charadas — 1. é *Corredor* — 2. *Camaleão*.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & COMP.

Rua d'Alfandega n.º 135.

FOLHETIM DO MAGICO.

(Continuação do numero 18)

A terra espera, diz Merola.

— E a vingança tambem diz Clairet... apontou com o o dedo o cadaver da filha, pegou na caixinha, e tomou a estrada de Fontenebleau.

V.

Em quanto isto se passava na floresta de Fontenebleau, outros acontecimentos se apressavão no castello.

Christina esmorecida pelo desaparecimento das provas do crime de Monaldeschi tinha entrado em seo aposento em um estado de raiva tanto mais violento, quanto inutilmente tinha sido dada sua vergonha em espectaculo diante de todos os seus officiaes. Depois de ter tido em suas mãos a commenação do culpado, vel-a escapar quando ella acabava de annuncial-a tão altamente, era hum destes desapontamentos de que teria soffrido cruelmente um orgulho menor, que o seo. Tambem quando Clairet proctrou fallar-lhe á este respeito, ella rompeo repentinamente, fazendo cahir sobre elle todo o pezo de seu engano,

Sois vós, diz ella, que tendes feito esta accusação contra o Marquez, sois vos, que tendes empenhado vossa cobiça atè fornecer as provas: sereis pois vos o punido,

— Mas vossa magestade sabe bem, continuou Clairet.

— O que sei, disse Christina, que não queria accrescentar á vergonha de ter accusado injustamente a de ter vilmente expreitado. o que eu sei, é que vos dispesso,

Ditas estas palavras, ella sahia seguida de Guise, que sabia mui bem as intrigas da rainha para não adivinhar que havia um terrivel mysterio occulto nesta accusação que parecia estar desembaraçada tão simplesmente,

Apenas a rainha afastou-se. a colera de todos os officiaes, com vergonha que seo chefe se expoesse à denunciação d'um criado, manifestou-se contra Clairet. Charnacé, que professava pelas pessoas um pouco desses desprezos que não têm consideração nem pela fraqueza nem pela idade, exclamou de repente;

— A rainha expelliu esse velhaco: caça de rei é tam-bem caça de gentilhomem! á caça da velha raposa!

E dizendo isto, poz-se a cantar uma toada, e desatando sua espada feri-o com o talim.

O velho affastou-se para evitar o golpe; porem todos os officiaes, achando bom o gracejo cada um se armou da mesma maneira, e Charnacé tendo gritado:

Prazer completo de rei, senhores a caça, aos archotes

Cada um apoderou-se de uma velinha, d'um archote, e Clairet ouviu rir e rosnar depois d'elle a matilha de seus inimigos,

Acoutai a raposa na galeria dos veados, dizia Charnacé, que previa que o velho servidor ia pedir azilo á rainha, apesar de sua colera. Com effeito, dous jovens loucos, mais lestos que o velho, alcançarão antes d'elle o alto da escadaria subterranea, e tapando-lhe a passagem, e lançarão nesta longa e estreita galeria.

Monaldeschi, que tinha deixado o subterraneo para seguir a rainha. passeava só revendo tudo o que acabava de acontecer-lhe, quando derepente ella envadida pela espantosa tropa dos officiaes, cantando uma toada da caça e perseguindo Clairet. O marquez ignorando donde vinha este ruido, collocou-se no vão de uma janella, e vio passar muitas vezes o desgraçado velho, cercado, perseguido como um veado.

Um momento seu odio deleitoa-se á este barbaro espectáculo, depois elle teve vergonha de sua alegria, e no momento em que Clairet passava ainda diante d'elle se lançou entre elle e aquelles que o perseguião, e deu ao desgraçado o tempo de ganhar a extremidade da galeria. Elle exhortava ainda os officiaes a terna piedade do velho, quando ouviu a voz do velho barbeiro gritar-lhe com raiva inexplicavel:

— Obrigado marquez; eu me lembrarei da galeria dos veados.

Monaldeschi não soube se devia tomãr estas palavras por um agradecimento sincero ou por uma ameaça; mas parecem despezal-a, depois de ter recebido as felicitações dos officiaes sobre sua brilhante justificação, deixou-se ir á uma confiança que o perdeo. Com effeito, cada um dirigio-se muito para elle, cada um declarou que o proceder da rainha era tal, que toda a nobreza de sua casa devia exigir della uma reparação, e o marquez se julgou de tal sorte seguro de todos aquelles que o rodeavão, que não temeu ficar neste castello donde podia fugir neste momento: graça a perturbação que ahi reinava.

Entretanto a rainha achava-se no seo quarto, para onde Guise e Suenon a tinham seguido, Apenas ahi chegou, quando manifestou-se sua dor, e cahio em uma cadeira apertando a cabeça com seos punhos. Guise então aproximou-se della, e disse-lhe:

— Para que esta colera e esta dôr, senhora, quando

acabais de reconhecer que um amigo que vós suspeitaveis é innocente?

— Ah exclamou a rainha, comprehendéis que papel representei, ridiculo e odioso! Comprehendeis como, cedendo á pusillaniedade de um velho, deixei escapar minha vingança, porque agora essas provas teem desaparecido, e si o condemnar dir-se-ha que o assassino.

— Esquecei-vos, senhora, que elle não è culpado.

— Ah! Guise, me julgais imprudente e louca á ponto de ter feito um semelhante escandalo sem estar certa do delicto?

— Entretanto....

— Entretanto, eu tive as provas em minhas mãos.

— Mas como se fez?...

— Oh! o senhor duque, disse Christina com um tom de impaciencia e de desprezo, si eu soubesse, não estaria no estado em que me vedes. Si soubesse estaria tranquilla, porque o marquez estaria morto.

— Morto!

— Morto,

— Agradecei pois o acazo que salvo o marquez d'um primeiro momento de colera.

— Não é um momento de colera, senhor; o que foi justo hoje, o será amanhã.

— Mas o que foi impossivel hoje, o sera igualmente amanhã.

— O que quereis dizer?

Vos estàs no reino de França, embora, n'um palacio do rei de França, e nenhum homem pode morrer senão por uma sentença do rei ou por um crime.